

BRASIL — PORTUGAL

16 DE JULHO DE 1907

N.º 204

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

Visita às nossas colonias d'Africa



Sua Alteza o Príncipe Real Senhor D. Luiz Filipe

VIDA ELEGANTE

EM FÓCO

EM EVIDENCIA

Espirito gentil, corpo esbelto, como a essencia de *white rose* recolhida n'um delicado e fragil frasco de Murano, com decorações de grinaldas.

As graças do seu espirito exteriorisam-se no encanto da sua formosura, manifestam-se na escolha das *toilettes*, que dão, todas, a impressão requintada e aristocratica d'elegancia, que encontramos nas cercaduras floridas dos gravadores do seculo xviii.

Ao vêr M.^{me} Furtado, pensa-se, involuntariamente, nas figuras de poesia e gracilidade, que os pastelistas francezes fixaram em cô-



A sr. D. Alice de Assis Furtado

res harmoniosas e ternas. A mesma elegancia de attitudes, a mesma figura, a mesma commovida intelligencia nos largos olhos brilhantes, e uma levissima ironia, flôr de mocidade, no sorriso bondoso.

Apixonada pelas viagens, presa á fascinação de vêr paizes desconhecidos, não para alardear, rendendo culto ao senobismo, sincera, a poucos contando as impressões das terras visitadas — as exóticas regiões não modificaram o seu modo de ser; apenas os olhos conservam a belleza distante das paisagens entrevistas.

D'um bom gosto perfeito como *dame du monde*, retrae-se, vive mais na sua quinta das Laranjeiras, entre livros escolhidos, do que nas festas.

Sensível a todas as dôres, protegendo os que necessitam do seu amparo, a bondade é como que uma atmospheria em que vivem e se desenvolvem as preciosas qualidades de sua alma.

FRANK.



Visconde dos Oliveas

E' um dos rapazes mais sympathicos e mais queridos do nosso mundo elegante apesar de só de longe em longe o vemos em Lisboa, ás janellas do Turf ou nos *courts* da Tapada.

Ha já um bom par d'annos que se casou e concluiu o seu curso de engenheiro mechanico, vivendo desde então, habitualmente, em Inglaterra.

Sportman distincto, a sua paixão pela caça já o levou á Africa, realisando na Beira, entre muitas outras, uma caçada em que a sua espingarda foi muito victoriada.

O titulo de visconde dos Oliveas foi mercê que El-Rei lhe fez ha pouco tempo.

FROJ.

No anniversario de Eugenia Brandão de Mello



Um grupo dos seus amigos

Maria Carlota de Castro Pereira, Francisco Cabral, Anna da Camara, Maria Magdalena de Castro Pereira, José Bernardo da Camara Viterbo, Helena da Camara Viterbo, Isabel de Noronha Couceiro, Maria Adelaide de Castro Pereira, Antonia da Camara, Mafalda Brandão de Mello Magalhães, José Cabral, José Antonio de Noronha Couceiro, Marianna Brandão de Mello Magalhães, Eugenia Brandão de Mello, Maria Henriqueta da Camara Viterbo, Antonio do Valle, José Prandão de Mello.

(Cliché de Antonio Brandão de Mello — amador).

Visita de Sua Alteza o Príncipe Real às nossas colonias d'Africa

Dois dedos de conversa

A Carlos Quintella

Acompanhado pelo sr. ministro da marinha, conselheiro Ayres d'Ornellas e Vasconcellos, partiu no dia 1 do corrente, a bordo do paquete *Africa*, Sua Alteza Real o Príncipe D. Luiz Filipe, a fim de visitar as colonias portuguezas do grande continente africano.

Vae Sua Alteza completar a sua instrução e engrandecer o seu saber, visitando os vastissimos territorios que um dia será chamado

Exgotados todos os assumptos antigos da litteratura romantica, as scenas medievas do amor de capa e espada, exhaustos os recursos da arte litteraria para agradar por si propria, voltou se a intellectualidade productora dos auctores contemporaneos para um fim mais nobre, — dizem elles, — mais benemerito, dando por pretexto aos seus trabalhos



Visita de Sua Alteza o Príncipe Real às nossas colonias d'Africa

No arsenal — Suas Altezas o Príncipe D. Luiz Filipe e Infante D. Manuel conversando com o sr. Conde de Sabugosa

a governar, conhecendo assim as necessidades dos povos que se abrigam á sombra protectora da gloriosa bandeira portugueza e contemplando a grande obra de tantos marinheiros destemidos, de tantos capitães illustres, de tantos exploradores arrojados e emfim de tantos missionarios dedicadissimos. Vae ver o pouco que nos resta d'um passado cheio de audacias e de temeridades — um pouco que é ainda muito — porque, constituindo uma gloria presente, representa tambem uma esperanza risonha do futuro.

Perante tão vastos territorios e tantos povos aguerridos que a bravura dos nossos soldados e a caridade dos nossos missionarios dominam e contêm em respeito, Sua Alteza admirar-se-ha decerto de que o nosso poderio tivesse alguma vez sido ainda maior e este pensamento, esta admiração, tornal-o-hão orgulhoso de ser o herdeiro da corôa portugueza, do throno de Portugal, em volta do qual se agrupam ainda vassallos das mais diferentes racas, respeitando a bandeira das quinas ainda tremulando nas mais distantes partes do mundo.

Vae com elle o sr. ministro da marinha que nos tempos presentes tem sido digno continuador dos valentes capitães dos seculos idos.

Conhece a Africa, conhece as nossas glorias pelas quaes já tem arriscado a vida, batalhando para manter o prestígio do nome portuguez.

E' pois um dos melhores companheiros que o moço príncipe podia levar consigo.

Para nós esta viagem tem uma alta significação patriótica.

Portugal, enviando á Africa o herdeiro do throno, afirma perante o estrangeiro o seu desejo inquebrantavel de manter intacta a sua herança gloriosissima ao mesmo tempo que dá aos povos coloniaes uma prova da sua maior estima e consideração.

Que Sua Alteza tenha boa viagem e feliz regresso, eis o que lhe deseja o Brasil-Portugal.

de agora, a educação das massas, do povo, pela propaganda de ideaes novos de verdade e independencia.

Fazer arte pela arte é já d'outros tempos

A poesia sã e levantada da escola romantica, as heroicidades quichotescas das personagens de Dumas, o sentimentalismo exagerado dos *Tribulets* e dos *Ruy Blas* e o espirito aventureiro dos



Visita de Sua Alteza o Príncipe Real às nossas colonias d'Africa — No arsenal

O sr. conselheiro João Franco cumprimentando Sua Magestade a Rainha (Cliché de A. C. Lima).

D. Cesar de Bazan, perdeu a hegemonia sobre o espirito dos que lêem, acompanhando o movimento progressivo do seculo da prosa. Efectivamente não diz bem ler-se um volume de versos de Lamartine á luz de uma lampada electrica no luxo aconchegado de um gabinete *rococo*; são religiões diferentes e que se não ligam. Agora, em vez de se escutar a melodia de um menestrel de antigas eras, cantando as phrases dolentes de um poema sentido, ouvimos apenas o fanhoso estridente de um phonographo *aperfeiçoadissimo*, berando as musicas saltitantes de um café concerto. Mudaram os gostos, bem se vê e não se comprehende esta mistura desconneca do sagrado da poesia e do profano do progresso.

Por isso a litteratura *progride*.

As intelligencias novas servem-se da arte para reproduzir á letra as scenas tragicas dos dramas que apoquentam a sociedade moderna; nos espiritos de agora a phantasia limita-se a dar vulto e forma á observação conscienciosa de scenas reaes. A poesia antiga, essa guarda-se ainda com respeito, com devoção mas sem amor, nas encadernações luxuosas de uma bibliotheca classica, guarda-se ainda como reliquia de epochas archaicas, para diplomar a nossa educação litteraria. Velharias,— diz-se,— que se veneram com o respeito protector que sempre temos por tudo o que está cansado. Mas essas velharias ficaram, impõem-se ainda pela sua grandeza que viverá sempre, que desnortheia os novos, os intellectuaes modernos que se julgam superiores aos que tem passado. Sem forças nem talento para se imporem ao vulgo, aquelles que querem, custe o que custar, fabricar-se um nome na histo-



Visita de Sua Alteza o Principe Real ás nossas colonias d'África
No arsenal — Sua Alteza conversando com o sr. conselheiro João Franco

ria, veem-se obrigados a crear um novo modo de pensar, sem mesmo discutirem a sua logica. Fazem-me sempre lembrar o celebre Erostrato lançando fogo ao templo de Diana para que o seu nome passasse á posteridade.

Na febre de vaidade que nos persegue sem descanso, queremos convencer de que cada um de nós é um factor indispensavel á boa organização do mundo; e até os proprios artistas que se deviam contentar com a obscuridade,— se tanto fosse preciso,— da sua arte, até os artistas se sentem arrastados pela mania do progresso mal comprehendido. Fazer arte pela arte era pouco, é preciso agora educar: o principio é bom mas o systema é mau. O resultado foi acabar com a arte propriamente dita.

O remedio foi contra-producente; com as descrições sinceras da gente que nos rodeia, em vez de tendermos para a paz universal, para o sentimento altruista do amor do proximo, acostumamo-nos ao contrario, a desprezar, a ennojar nos com as consciencias modernas. *De la confiance! Mais en qui en avoir? Et n'est-ce pas plutót la mifiance qui est la règle de l'homme ne comptant et ne voulant compter que sur ses propres forces?*

E' o conde de Prozar que fala no prefacio da sua traducção de *Jean Gabriel Borkman* de Ibsen. Será mais pratico talvez, mas mais educativo com certeza que não. Não seria muito melhor que, em vez de nos ensinarem a desconfiar assim dos nossos semelhantes, nos educassem a não ser precisa tal desconfiança?

— E' tudo mentira, tudo immundicie,— dizem os *novos*, essa mocidade degenerada, que passa a vida a lastimar a sorte da humanidade, da pobre e estúpida humanidade que lhes não comprehende as estrophes nephelibatas em que o metro e as pausas são desprezadas e não aceita *à priori* e sem discussão, como evangelho sa-



Visita de Sua Alteza o Principe Real ás nossas colonias d'África
No arsenal — Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha conversando com o sr. Conde de Mesquitella

grado, as theorias avançadas sobre todos os ramos da sciencia socialologica que todos os *novos* conhecem a fundo e impingem doctoralmente nos arrancos esthericos da sua vaidade sem limites. As obras dos intellectuaes modernos, são todas excepcionalmente obras de arte; se o publico as pateou no theatre ou as deixa amarellecer nas montras dos livreiros, é que o publico está muito atrasado e não as comprehende.

Pobres vencidos!

..

A pouco e pouco, *aperfeiçoando-se* a litteratura, o verdadeiro romance, o romance romanescos tende a acabar com a decadencia da imaginação, como diz M. Prevost na dedicatória de uma das suas obras; e os auctores modernos aproveitam scenas da vida real, sem interesse nem movimentação, só para estudarem a fundo os caracteres enygmaticos das suas personagens. Quando este estudo é bom demonstra sem duvida nenhuma grandes dotes de talento mas



Visita de Sua Alteza o Principe Real ás nossas colonias d'África
No arsenal — Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha, o Nuncio de Sua Santidade e o sr. Conde de Mesquitella
(Cliché de A. C. Lima).

em todo o caso a obra deixou de ser uma obra de arte, para ser um livro de estudo.

O artista de hoje tem vergonha do seu talento, envergonha-se da sua arte. Talvez seja medo de não ser bastante considerado por uma sociedade a que não pertence. E' por isso que o auctor que só faz arte pela arte não tem conseguido introduzir-se nas altas espheras. Mas o resultado de tudo isto é ir-se definhando, a pouco e pouco, o verdadeiro bello artistico, degenerando quasi n'um ramo de sciencia.

Os artistas que ainda ha, são desdenhosamente appellidados de poetas; e o artista, como hoje se entende, deixou a vida sentimental do de outros tempos, para se entregar mais praticamente ao espirito calculista e de ganancia que dispõe o seu talento á vontade do freguez. E por isso a litteratura de agora nunca será duradoira como os trabalhos dos classicos. E' obra de fancia; mercantil.

D'antes cantava-se em versos sentidos um amor eterno, todo pureza e simplicidade; hoje o poeta limita-se a chorar as infidelidades da amante de uma noite, chamando *vida* a uns momentos de gozo puramente material, chamando liberdade aos principios de revolta. Tudo o que prohibe os nossos desejos são theorias antigas: inclusivamente a moral.

Sonhar é pouco, como é pouco commover; é preciso convencer com uma logica de ferro. Mas com a razão convence-se mas não se arrasta; e basta impressionar a alma para desenvolver a força de vontade.

As ideias absorvidas pela alma são muito mais duradoiras do que as comprehendidas pela razão. A *marselhesa* fez muito mais revoltosos de que Danton. Nos campos de batalha, toca-se musica.

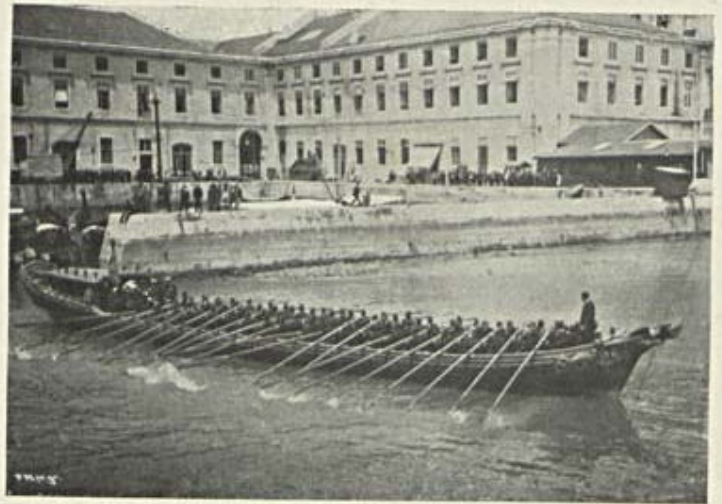
Schiller viu a sua peça: *Die Raüber*, (os bandidos), prohibida de ser representada e elle mesmo preso por accusação de espirito revolucionario. A mocidade de então, apesar da excommunhão da obra, leu a sotregamente, impregnou-se d'aquella poesia selvagem, e muitas familias allemãs perderam os seus filhos que abandonavam casa e parentes, para seguir a vida nomada e aventureira dos bandidos de Schiller.

Ainda não ha muito tempo que as creanças das escolas em Alemanha olhavam com terror para esse livro prohibido, taes eram os castigos que os mestres inflingiam a quem os lia, tal era o medo que os mestres tinham d'essa obra de litteratura.

Com o systema da arte moderna já não haveria esse perigo, como não haveria as vantagens se a obra fosse moralisadora.

A' força de se querer aperfeiçoar a arte, tende-se a acabar com ella. A arte estava exactamente no arrebatamento das massas.

D'antes eramos ingenuos, tinhamos illusões que a litteratura alimentava: eramos felizes. Hoje sentimo-nos acabrunhados com os



Visita de Sua Alteza o Principe Real ás nossas colonias d'Africa
A partida para bordo

Ibsen apresenta-nos no *Pato bravo* um verdadeiro feliz que na sua demencia se arreigára a um viver de illusões que nunca perdeu; ninguem dos que o rodeavam se atrevia a mostrar-lhe a insensatês do seu modo de pensar; em compensação mostra-nos uma familia de pae, mãe e filha, perdendo a tranquillidade pelo estovado procedimento de um campeão de ideias avançadas, que os quiz tornar felizes desilludindo-os. Era o proprio auctor a queixar-se da humanidade que não sabia ser feliz com as theorias de verdade que elle apregoara até então em toda a sua obra.

Era o periodo de desanimo de Ibsen.

(Continúa.)

JORGE DE CASTILHO.



Visita de Sua Alteza o Principe Real ás nossas colonias d'Africa
No arsenal — No momento da partida — Sua Magestade a Rainha
falando com o sr. Antonio Costa
(Cliché de A. C. Lima).

insultos que a nós e a toda a sociedade Ibsen dirige pela boca das suas personagens. D'antes cria-se na regeneração da *Dama das Camélias*, hoje só vemos a deprovação da *Sapho*. D'antes admirava-se, a titulo de curiosidade, o desespero da paixão exaltadissima do poeta dos *Ciumes* do bardo:

*Mulher pura e fiel, não ha nem houve;
Cres tu que a tua o seja? Aos lares volta,
Entra imprevisto e lá verás se eu erro.*

Isto tomavamos nós por uma ficção poetica; bem dito, bem imaginado, mas pura phantasia. Hoje então convencemo nos de que o bardo tinha razão; e conve-emo-nos porque no-lo diz Toltoí no sua *Sonata a Kreutzer*, porque o repete no seu *Romance do casamento*. São os principios demolidores e anarchicos da moderna arte. E como teem os auctores contemporaneos coragem para com os seus escriptos destruir uns restos de optimismo que os *Pangloss* de agora, descendentes dos *Pangloss* de Voltaire ateimam em considerar como evangelho infallivel? Destruir para reedificar de novo... é melhor. Mas uma vez destruida essa felicidade, quem lhes diz que terão vida e talento ou descendentes que os tivessem plenamente comprehendido, para poderem constituir uma nova felicidade que deem em troca ás victimas da sua reforma? Não será uma temeridade e uma loucura? E para quê tudo isso, se viviamos felizes illudidos?



D. Marianna Machado de Castello Branco Pereira da Cunha

† em 25 de junho de 1897

(Cliché M. Filgueiras, Vienna do Castello).

A aristocracia portugueza perdeu com o fallecimento d'esta illustre dama uma das suas mais preciosas reliquias.

Filha dos nobres condes da Figueira, viuva de Antonio Pereira da Cunha, um dos chefes do partido legitimista, e mãe de Sebastião Pereira da Cunha o inspirado poeta do Saio de Malha, a sr.^a D. Marianna Machado de Castello Branco era uma senhora na verdadeira accepção da palavra, tão nobre pelos suas raras qualidades de character como pelo seu nascimento fidalgo. Como muito bem disse o *Diario Illustrado* — *foi verdadeiramente uma santa que da sua existencia, sempre dedicada á pratica das mais singulares virtudes, deiza memoria respeitavel e respeitada.*

Finou-se no seu palacio de S. Vicente, docemente, com aquella resignação christã que sempre a acompanhou até ao ultimo momento, pranteada pelas lagrimas dos seus e confortada com os sacramentos da Egreja.

Com a morte da illustre e excellent senhora ficaram de luto algumas das principaes familias da aristocracia portugueza a quem o Brasil-Portugal, envia os mais sentidos pesames.

Concurso hyppico e exposição de solipedes

NA

TAPADA DA AJUDA

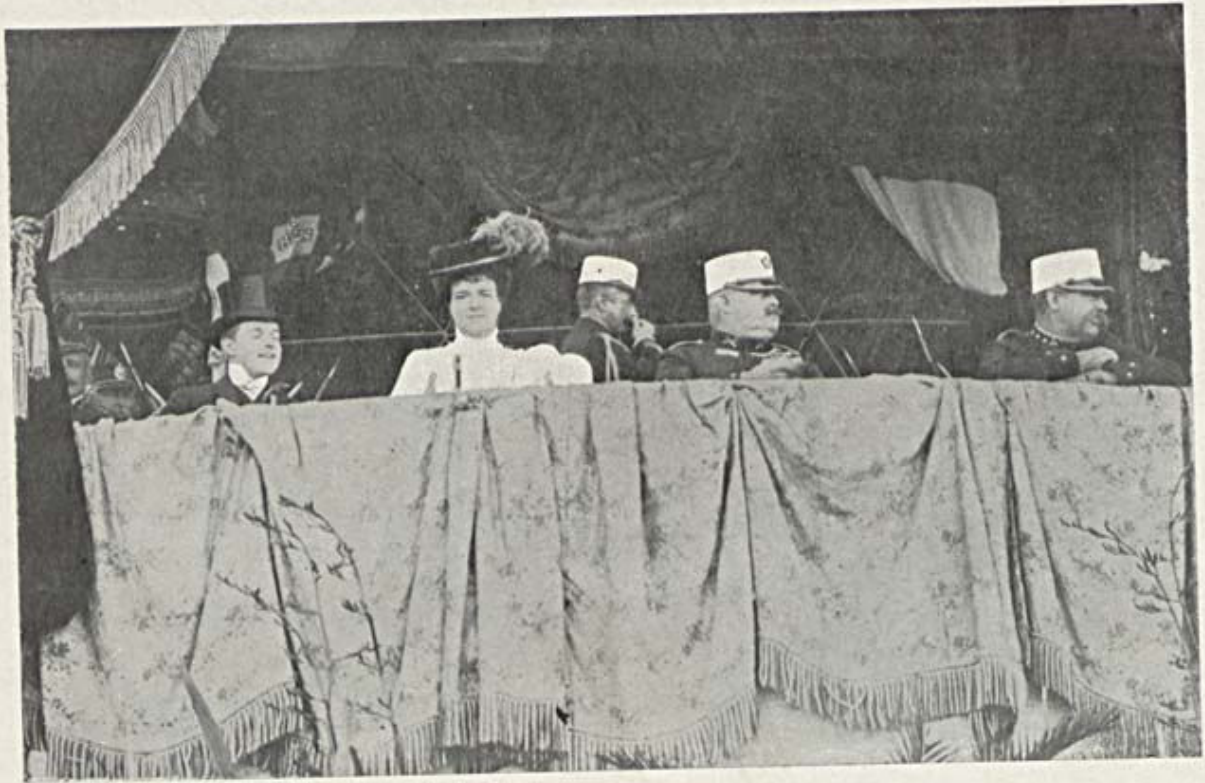
Devem os promotores do concurso hyppico, ha pouco realiado na Tapada da Ajuda, estar plenamente satisfeitos pela honra que lhes cabe, resultante do valor da obra que emprehenderam, cujos resultados não podiam ser mais uteis nem mais brilhantes. Na profundissima decadencia em que o hyppismo se encontrava em Portugal, são muito para admirar e agradecer os esforços tão heroicamente realizados pelos distinctos cavalheiros que, vencendo toda a especie de difficuldades, conseguiram e de um modo tão brilhante,

gulho aqui deixamos registada a nossa admiração pela correcção e valentia dos exercicios que, durante quinze dias e n'um grau sempre crescente, mantiveram o entusiasmo entre milhares de espectadores cujos applausos foram a proclamação bem sincera do altissimo valor que tiveram aquellas importantissimas festas.

Deve frisar-se que esse entusiasmo era de uma natureza muito especial, pois nascia de sentimentos a que se associava a idéa da defeza da Patria. O publico, constituído pelas diferentes classes sociaes, teve occasião de ver que o exercito, representado no concurso por officiaes de todas as armas, sargentos, cabos e soldados, cuida da sua instrução de maneira a poder vencer os mais duros obstaculos que na guerra se possam apresentar.

A apresentação dos diversos elementos que constituiram as provas exigidas demonstrou até á evidencia a necessidade instante da aquisição do verdadeiro cavallo de guerra.

Não ha a mais pequena duvida que, a respeito de cavalleiros, nada temos a desejar, visto que tanto os civis como os militares desempenharam brilhantemente a sua difficil missão. A respeito, porém, de caval-



Concurso hyppico na Tapada da Ajuda — SS. Magestades El-Rei e a Rainha, SS. Altezas os Senhores Infantes D. Affonso e D. Manuel e o sr. ministro da guerra, assistindo ao desfile do cortejo depois da distribuição dos premios

apresentar perante uma assistencia *d'élite* as festas de *sport* mais esplendidas e interessantes que se tem visto em Portugal.

Não foi porém o brilhantismo a'qualidade predominante d'estas festas.

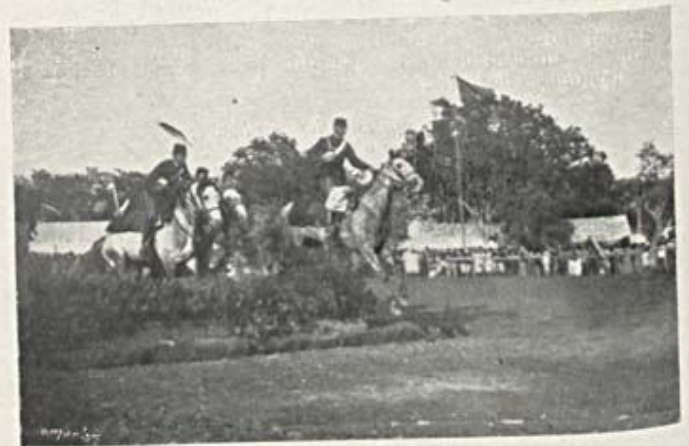
los ha muito que fazer visto que d'entre as variadissimas especies de solipedes que saltaram no concurso é muito difficil, senão impossivel, assignalar esta ou aquella como sendo a que poderá servir de base para o apuramento do cavallo da guerra. Deve ser este o objectivo principal de todos os concursos hyppicos e bem assim o de todas as pessoas que se interessam pela solução do difficil problema.

N'este sentido é preciso não attender só á feição espectacular que caracterizou o concurso hyppico, mas sim pôr bem em relevo o seu al-



Concnrso hyppico na Tapada da Ajuda — Carga a dorso

Uma outra — e essa de capital importancia concorreu de um modo extraordinario para o interesse do concurso — foi a demonstração bem evidente de que, tendo ao seu alcance os meios materiaes precisos, os portuguezes não receiam o confronto com os paizes mais adelantados, sempre que haja de provar-se a audacia e a dextreza. Com a alma cheia de or-



Concurso hyppico na Tapada da Ajuda — Salto de sébe por soldados de cavallaria

(Cliché de A. C. Lima).

cance como um grande aliecrece em que assenta um dos factos mais importantes para o renascimento das raças cavallares do nosso paiz, incitando os creadores ao desenvolvimento da industria cavallar hoje quasi aniquilada em Portugal.

A importancia das provas exigidas foi mais do que sufficiente para nos dar a verdadeira noção do conhecimento tecnico que os officiaes do nosso exercito, com especialidade os de cavallaria, possuem da equitação exterior.

Sem receio de errar podemos garantir que, apenas a cavallaria portugueza seja dotada com o cavallo que as exigencias da guerra determinam, os cavalleiros militares, pela sua dextresa e pelo seu arrojo reflectido, saberão collocar a sua arma á altura das mais adeantadas da Europa.

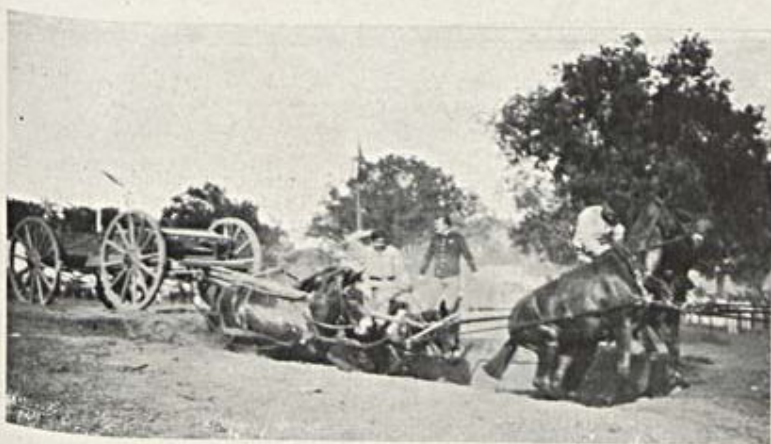
Sabemos bem que ha ainda muito que fazer mas preciso é confessar tambem que ha tres annos para cá muito se tem feito e muito especialmente n'este ultimo anno em que, de um modo eloquentissimo se evidenciaram os progressos hyppicos em Portugal.

E' forçoso envidar os maiores esforços para que a iniciativa dos illustres promotores da grande obra não soffra o mais pequeno desalento e pelo contrario se sintam ajudados por quem póde e deve fazel-o.



Concurso hyppico na Tapada de Ajuda — Alferes Jara de Carvalho, o vencedor do maior numero de premios]

A exposição de solipedes foi egualmente coroada do melhor exito. Os poucos creadores que em Portugal cultivam a industria cavallar, e isto devido a um entranhado amor pelo genero, apresentaram magnificos exemplares que são outras tantas promessas do que em Portugal ainda



Concurso hyppico na Tapada da Ajuda — Evoluções por uma bateria d'artilharia

se póde vir a fazer n'este ramo de industria quando a reproducção se sentir justamente recompensada e apreciada nas suas multiplas operações.

JOÃO CHAVES,

Calino sacode umas calças á janella. As calças cahem na rua e elle começa a gritar afflictissimo:

— Meu Deus! Que horrivel desgraça!

Accode a mulher, e indagando do succedido:

— Oh! homem! Não vale a pena essa gritaria por tão pouca coisa!

— Não vale a pena! Ora imagina que eu tinha as calças vestidas!



Concurso hyppico na Tapada da Ajuda — Desfilando deante da tribuna real

(Cliché de A. C. Lima).

Politica internacional

A questão actualmente na ordem do dia em Inglaterra é o projecto apresentado por sir Henry Campbell Banermann para a limitação dos poderes da Camara dos lords, todas as vezes que d'esses poderes resulte a paralyzação da vontade nacional representada pela Camara dos commons. A bem dizer o que o primeiro ministro inglez acaba de apresentar é mais uma declaração de principios a respeito da supremacia da camara popular sobre a camara alta, do que um projecto completo e regulamentado, definindo como essa supremacia se ha-de estabelecer.

Os traços geraes do projecto são os seguintes: sempre que haja desacordo entre as duas camaras, nomear-se-ha uma commissão mixta composta de igual numero de pares e de deputados para examinar a questão. Se o accordo se não faz, volta o projecto de lei á camara dos commons para ser outra vez votado. Se ainda d'esta vez a camara dos lords o não vota, nomeia-se ainda uma segunda commissão mixta, e se n'esta o accordo se não realizar é então o projecto definitivamente votado pelos commons, sendo desde logo convertido em lei sem a approvação dos lords.

E' este nas suas linhas fundamentaes o projecto do governo, que, deve dizer-se desde já, geralmente não agradou. Sem fallar na opposição dos conservadores, os radicais acham-n'o demasiadamente conciliador, e propõem pura e simplesmente a suppressão da segunda camara. Mas mesmo nas fileiras mais moderadas do liberalismo ha muitos, que não comprehendem a utilidade da se-



Concurso hyppico na Tapada da Ajuda — O sr. José Amado n'um salto em largura

gunda commissão mixta e a repetição do processo que se seguiu com a primeira. Querem estes que depois do rompimento definitivo na primeira commissão mixta o projecto volte á camara baixa para ser desde logo votado com força de lei.

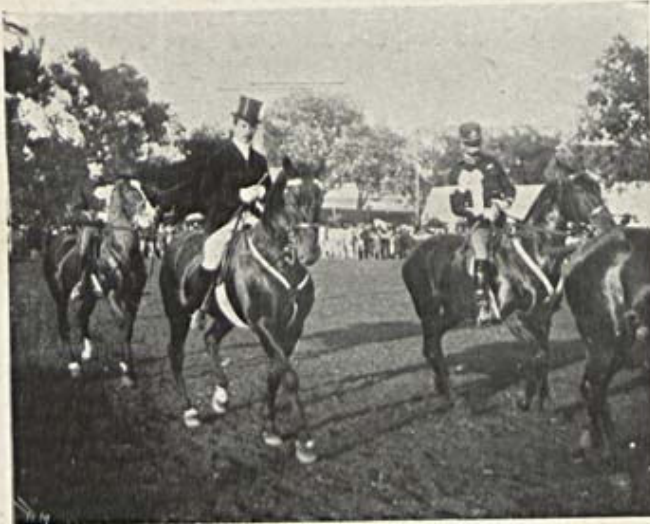
Veremos se o governo aceita pelo menos este alvitre de grande numero dos seus amigos ou se persiste, por razões de tactica politica, na primitiva redacção.

A dificuldade, porém, não é só esta, nem esta é a maior.

Para que o projecto de sir Henry Campbell-Banermann possa ser lei do paiz, é preciso que passe nas duas camaras, por isso que até agora o poder dos lords está intacto. Se os lords, porém, o não approvam, o que é de toda a evidencia, o que se ha-de fazer? Este é que é o ponto que complica a situação. Legalmente e observando os actuaes tramites ha-de ser difficil ao governo fazer vingar o seu proposito. A limitação dos poderes da Camara dos lords só pôde conseguir-se de duas maneiras, ou estando ella de accordo, ou por um acto revolucionario.

O accordo não parece possível, e o acto revolucionario tão pouco; de modo que o gabinete e o partido liberal continuarão a vêr-se paralyzados para qualquer reforma com grave perda do seu prestigio perante a opinião.

Não pôde existir hoje duvida possível de que ha, com effeito, um conflicto japonês-americano. Por mais que as informações officiosas de Washington se esforcem por fazer acreditar o contrario, é certo que alguma cousa se passa nos bastidores, que mais cedo ou mais tarde pôde traduzir-se em desagradavel surpresa para o mundo. Não quer isto dizer que a guerra entre as duas nações venha desde já; mas está-se preparando um estado de cousas que n'um futuro não muito distante vae ter como desfecho um conflicto armado. A noticia de que os Estados-Unidos vão transferir para o Pacifico 16 das mais poderosas unidades da sua esquadra do Atlantico prova bem até que ponto é grande a inquietação



Concurso hyppico na Tapada da Ajuda — Tres dos concorrentes: os srs. Lourenço de Casal Ribeiro, Rodrigo da Costa Pereira e Oliveira Reis

em Washington, e como ali se prevê a possibilidade de que as negociações entre os dois governos não cheguem a resultado satisfactorio.

Para mais ainda complicar a situação parece que a attitude da municipalidade de S. Francisco e em geral de todas as auctoridades da California é cada vez mais intransigente, ou pelo menos mais imprudente, agravando todos os dias a questão com novos incidentes. Assim, primeiramente foi a expulsão das creanças japonezas das escolas nacionaes. Depois, quando este assumpto estava quasi liquidado pacificamente pela diplomacia, surge o motim contra os japonezes e a destruição de grande numero de restaurantes e outros estabelecimentos nippons pela população de S. Francisco.

Finalmente, conforme conta um telegramma expedido de Nova-York ao Times, a municipalidade de S. Francisco acaba de indeferir cinco pedidos feitos por subditos japonezes para lhes ser renovada a auctorisação de dirigirem agencias de collocação de trabalho.

Como se vê, parece haver um proposito firme em levar ao estado agudo uma questão, que de mais a mais está sendo officialmente dirimida entre os governos dos dois paizes. Os japonezes estão se enchendo de razão ostensivamente, conforme é seu costume, até que um dia, quando menos se esperar, surge algum despacho comminatorio, com todos os effeitos de um ultimatum, que não deixará á America outra saída a não ser a guerra...

O conflicto entre os Estados-Unidos e o Japão é tanto mais serio, quanto é certo que são reaes e profundas as razões de antagonismo entre os dois paizes. A situação de preponderancia politica que, pelas suas victorias sobre a Russia, o Japão acaba de alcançar no Pacifico, tem necessariamente como consequencia uma correlativa preponderancia commercial, dada a feição especial da expansão

japoneza. O Japão tem pelo seu lado a situação geographica em primeiro logar e depois a prolificidade que, conjugada com a estreiteza do territorio que o povo nippon habita, o força a colonisar os principaes pontos estrategicos das margens do grande Oceano. E' assim que a Corêa está litteralmente inundada de japonezes, que numerosos filhos do imperio do Mikado estão estabelecidos pelas costas da China, da Siberia e das Philippinas. A Australia, a *White Australia*, como lá dizem, está luctando desesperadamente para



Concurso hyppico na Tapada da Ajuda — Grupo de aspirantes que entraram no concurso

evitar a invasão dos amarellos, e é contra os resultados d'esta invasão que actualmente se revolta a California, que vê ameaçados o seu commercio e a sua industria por este elemento estrangeiro, que a pouco e pouco se tem insinuado em todas as principaes povoações costeiras de *Farwest*.

O choque, pois, entre a expansão japoneza inevitavel e a defesa não menos inevitavel dos americanos é um phenomeno historico fatal, que boa vontade alguma conseguirá evitar, embóra o conflicto possa adiar-se ainda por algum tempo. Aos japonezes, porém, é que o adiamento talvez não convenha, por isso que a demora pôde importar para elles um sensivel enfraquecimento da sua situação naval. Com effeito, dentro de alguns annos não só pôdem os americanos possuir uma esquadra formidavel, dada a colossal riqueza de que dispõem, mas terão ainda duplicado o valor d'essa esquadra com a abertura do canal de Panamá, que lhes permitirá transportar rapidamente de um a outro Oceano, concentrando-os no logar do perigo, todos os seus navios. Esta eventualidade devem tel-a



Concurso hyppico na Tapada da Ajuda
As sr.^{as} D. Hortense de Paiva Raposo e D. Stella de Avila,
amazonas que tomaram parte no concurso
(Clichê de A. C. Lima).

previsto os japonezes, que decerto não irão repetir a falta que commetteram com a Russia de só lhe declararem a guerra depois de concluido o transiberiano, em vez de a atacarem quando ella não tinha praticamente meio de mandar tropas ao extremo Oriente. E' este talvez o principal perigo da situação, que força o governo japonês a precipitar os acontecimentos por seu proprio interesse. Verdade seja que o interesse da America é demorar o mais possível o rompimento, prestando-se provisoriamente a todas as concessões compatíveis, já se vê, com a dignidade nacional. Mas como esta dignidade traça naturaes limites ao desejo de conciliação, ninguem pôde affiançar que amanhã a uma exigencia mais viva

LENDA RUSSA

do Japão os Estados-Unidos não tenham que responder com uma negativa formal, o que importaria desde logo a guerra.

O ponto fraco da America é a dificuldade de concentração das suas esquadras por não estar ainda aberto o canal de Panamá, e a posição excentrica das Philipinas, que as expõem a um golpe de mão dos japonezes, tanto mais que estes para as atacarem quasi que não necessitam sahir das suas aguas territoriaes. Com a aquisição do archipelago á Hespanha os Estados-Unidos se reforçaram a sua situação commercial no Pacifico, enfraqueceram notavelmente a sua situação militar, a ponto de se poder afirmar que n'um conflicto armado com o Japão a União terá de sacrificar as tão cubiçadas ilhas, por impossibilidade material de as defender.

A questão mais interessante, porém, que surge a proposito do eventual conflicto entre as duas potencias, é qual será a posição da Inglaterra perante a lucta armada entre a nação alliada e a nação amiga, que representa nos planos de hegemonia anglo-saxonia o mais importante apoio do Reino Unido, e que só por si constitue a metade do *english speaking world*, do mundo que falla inglez.

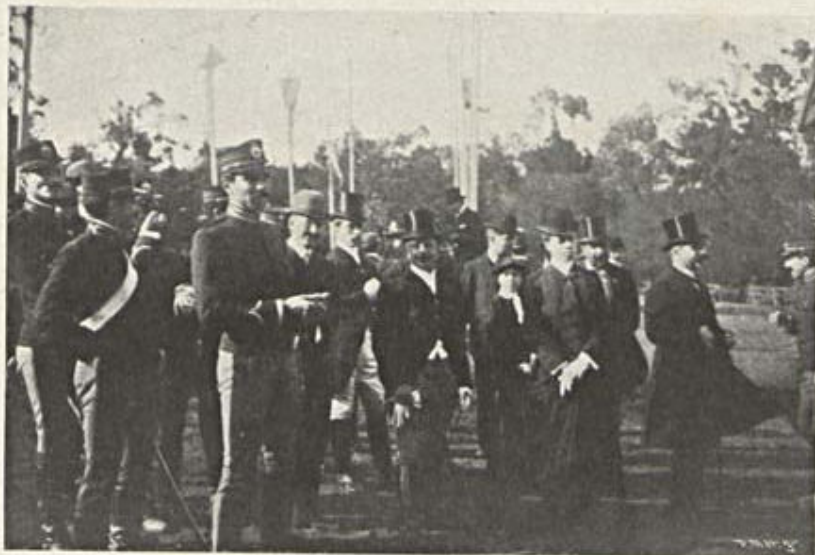
Pelo primeiro tratado anglo-japonez a Inglaterra só tinha de intervir a favor do Japão, quando este fosse atacado por duas potencias reunidas, e portanto uma guerra americano-japoneza excluia a hypothese da intervenção. Pelo segundo tratado, contudo que lord Lansdowne negociou pouco tempo antes de deixar o poder, é a Inglaterra obrigada a ir em auxilio do seu aliado logo que elle esteja em guerra com qualquer outra nação. Quer dizer pela lettra do tratado existente uma guerra americano-japoneza seria desde logo tambem uma guerra anglo-americana.

Por esta simples exposição comprehende se bem a gravidade que tal conflicto assumiria e como á Inglaterra importa, como questão de vida ou de morte para ella, impedir que semelhante guerra estale. Nem por um momento se pôde suppôr que a Inglaterra deixasse de honrar os seus compromissos, mas é tambem tão inverosimil a hypothese de uma guerra entre as duas grandes nações anglo-saxonias, que custa admittir a ideia de uma lucta entre as duas, que assumiria o caracter monstruoso de uma guerra civil, demais a mais provocada por um incidente com o qual as relações anglo-americanas nada tem que vêr.

É possível que no actual tratado anglo-japonez exista alguma clausula secreta, que exclua a hypothese de a Inglaterra auxiliar o Japão n'uma guerra contra os Estados-Unidos. É muito natural que a diplomacia ingleza tivesse previsto a eventualidade e contra ella se houvesse precavido. Senão teve, porém, a prudencia de acautelar o futuro e se uma alliança sem restricção alguma n'este ponto a prende ao Japão, a unica posição que a Inglaterra pôde tomar

O príncipe, o juvenil príncipe, bello como um rei, está mortalmente ferido.

Emquanto caçava no fundo do bosque — oh! caçador distrahido, distrahido pelas loiras tranças douradas da princeza sua



Concurso hippico na Tapada da Ajuda — Os vencedores. Esperando a distribuição dos premios

mulher — foi colhido por um feroz javali, que o feriu com os seus dentes acerados.

E eil-o agora tão pallido como um ramo de jasmim, deitado sobre os brocados sangrentos do leito.

Do leito feliz, onde semanas antes recebera a virginal esposa, a sua princeza de loiras tranças douradas.

Em torno do leito tres mulheres choram em pé: a mãe, a irmã, a esposa.

— Corramos — diz a mãe — corramos depressa ao feiticeiro que vive no fundo da floresta. Só elle poderá compôr um balsamo que cure o meu bello príncipe, tão bello como um rei.

Quando chegaram ao fundo da floresta, o feiticeiro falou-lhes assim:

— Posso curar o príncipe, posso dar-lhe um balsamo que lhe dê a vida; mas para me pagarem esse balsamo incomprehensivel é preciso que me dêem: tu, mãe, o teu braço direito; tu, irmã, a tua mão branca com os teus aneis nos dedos; tu, esposa, a tua loira trança dourada.

A mãe disse: «Só isso?» e deu o seu braço direito.

A irmã disse: Toma a minha mão branca com os dedos e os aneis».

Mas a esposa gemeu: «O que, é preciso despojar-me da minha loira trança dourada? Oh! nunca a poderei dar».

E não deu a loira trança dourada.

E o feiticeiro ficou com o seu balsamo.

E o príncipe morreu.

Agora as tres choram em torno do cadaver.

A mãe chora agarrando a cabeça do seu príncipe bem amado, fulminado como um carvalho da floresta.

A irmã chora aos pés do príncipe tão bello como um rei.

E a esposa chora ao pé do coração.

Ao pé do coração morto, que palpitou de tão terno amor pelas suas loiras tranças douradas.

E no sitio onde a mãe chorava, nasceu um bello rio caudaloso, que corre dia e noite.

No sitio onde chorava a irmã, brotou uma fonte viva, uma fonte perenne.

Mas no sitio onde chorava a esposa, nasceu apenas uma poça d'agua, que seccou aos primeiros raios do sol.



Concurso hippico na Tapada da Ajuda

O sr. José Pereira Palha Blanco e seu filho Antonio sahindo da barraca do jury

(Clicks de A. C. Lima).

para salvaguardar os seus interesses nacionaes é impedir a todo o custo que o conflicto rebente.

Estamos certos de que assim o conseguirá. Em todo o caso no incidente americano-japonez a situação da Inglaterra é um dos pontos mais interessantes a considerar.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Maria Krysinsha.

Notas de "sport,"

Concurso annual de tiro
A "Taça D. Carlos I.,
A "Taça Principe Real.,
A "Taça Penha Longa.,

Na carreira de tiro da guarnição de Lisboa realisou-se em 27 de junho o concurso annual, tomando parte n'elle atiradores de Lisboa, Porto, Coimbra, Aveiro, Vizeu, Setubal, Almeida e o Grupo Suisso.



NOTAS DE SPORT — "Taça Penha Longa.,

O mestre d'armas Carlos Gonçalves, detentor da "Taça"
(Cliché J. Fernandes — Lisboa).

O 1.º premio do concurso de 1.ª classe coube ao sr. Adolpho Ferreira Lima de Lisboa, e o 2.º ao sr. Machado, de Aveiro.

No dia 30 realisou-se o campeonato da Taça D. Carlos I o qual se deve á iniciativa de Eduardo de Noronha — um carôla pelo tiro — como lhe chamou no parlamento o sr. conselheiro Pimentel Pinto.



NOTAS DE SPORT — Taça Penha Longa

Os atiradores da "poule" final: — Alexandre Paredes, Marquez de Bellas, Sebastião Heredia (Ribeira Brava), Carlos Alvares Pereira, Camillo Castello Branco, dr. Antonio Osorio, Eduardo Ferreira de Castro e Carlos Gonçalves

(Cliché de A. C. Lima).



NOTAS DE SPORT
Concurso nacional de tiro

Adolpho Ferreira Lima
(Cliché Fraga — Lisboa).

Camillo Castello Branco, Baptista de Sá, Carlos Pereira Machado, Frederico Costa Pinto, Mario Duarte e dr. Mannel de Castro Guimarães, ficando vencedores o sr. Visconde de Reguengos (Jorge) e ficando em segundo, terceiro e quarto lugar, respectivamente os srs. Mario Duarte, Costa Pinto e Albino Guimarães.

Na poule de consolação, cujo primeiro premio era um rico tinete de bronze, ficou vencedor ao primeiro pombo o sr. Mario Duarte, ganhando os premios pecuniaros os srs. Costa Pinto, Brandão de Mello e Victor d'Oliveira.

Com a assistencia de El-Rei e do Principe Real teve lugar nos dias 24 a 27 de junho, no stand do tiro aos pombos da Tapada da Ajuda, o torneio de esgrima para ser disputada entre amadores e professores, indistinctamente, a Taça Penha Longa, sendo este, sob diversos pontos de vista o mais interessante de todos os torneios d'armas que entre nós se tem realisado.

Fizeram-se duas poules eliminatorias de cada uma das quaes se apuraram os quatro primeiros atiradores que constituiram o final que foram os srs. Camillo Castello Branco, Alexandre Paredes, Carlos Gonçalves (professor), Antonio S. Osorio, E. Ferreira de Castro, Sebastião Heredia, Marquez de Bellas e C. Alvares Pereira (professor.) O vencedor da Taça foi o mestre d'armas, sr. Carlos Gonçalves que, obtendo assim uma brilhante victoria sobre os melhores atiradores portuguezas, mais uma vez confirmou os seus credits de professor distincto.

O campeonato foi ganho brilhantemente pelo grande atirador, sr. Augusto Ferreira Pinto Basto, que, em 50 tiros, marcou 22½ pontos, numero até hoje não attingido por outro atirador.

Foi animadissima a sessão de tiro aos pombos que em fins do mez passado teve lugar na Tapada para ser disputada a nova Taça Principe Real concorrendo a ella Sua Magestade El-Rei, Sua Alteza o Principe Real, os srs. Conde de S. Lourenço, Viscondes de Reguengos, de Castello Novo, de Reguengos (Jorge), Augusto Ferreira Pinto Basto, Eduardo Romero, Antonio Brandão de Mello, Albino Guimarães, Victor d'Oliveira, D. Manuel de Noronha, Comendador Jorge Lima, Guilherme Andressen, Hugo O'Neill, Annibal Roque do Pinho (Alto Mearim), dr. Elysiy de Castro,



NOTAS DE SPORT
Campeonato da "Taça D. Carlos I.,
Augusto Ferreira Pinto Basto

A VIDA

A LORJÓ TAVARES

O Sol nasceu... As flôres, despertando,
Abrem á luz as petalas mimosas,
A' luz que desce ao calice das rosas
E subtilmente o beija fecundando!

A Natureza, aos poucos saciando
A ancia de Vida em ondas luminosas,
Volveu a paz nas azas vaporosas,
Adormeceu cançada e está sonhando...

Sonhando... e o sonho é a visão sublime
Que a luz gerou no seu primeiro beijo,
— Supremo Ideal da Vida que redime

Sonhando... e, a sonhar, concebe a horda
De existencias que traz cada lampejo,
Quando o Sol nasce e diz: — Materia, acorda!

SUAVE MILAGRE

Entre Engadim e Cesarea, n'um casebre desgarrado, sumido na prega d'um cerro, vivia a esse tempo uma viuva, mais desgraçada mulher que todas as mulheres de Israel.

O seu filho unico, todo aleijado, passára do magro peito a que ella o creára, para os farrapos da enxerga apodrecida onde jazera sete annos passados, mirrando e gemendo. Tambem a ella a doença a engelhára, dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada.

E sobre ambos, espessamente a miseria cresceu, como o bolor sobre cacos perdidos num ermo. Até na lampada de barro vermelho seccára ha muito o azeite.

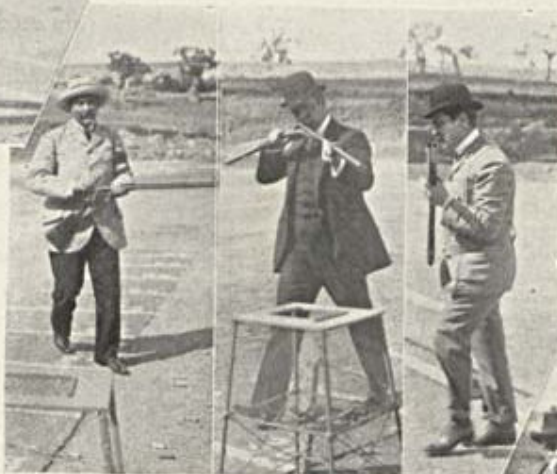
Dentro da arca pintada não restava grão de côdea. No estio, sem pasto, a cabra morrerá. Depois, no quinteiro seccára a figueira. Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou mel entrava o portal. E sóervas apanhadas nas fendas das rochas, cozidas sem sal, nutriam aquel-

NOTAS DE SPORT

Tiro aos pombos — Taça Principe Real



El-Rei Principe Real

Eduardo Romero — Visconde de Reguengos (Jorge)
Annibal Roque do Pinho (Ato Mearim)NOTAS DE SPORT — Tiro aos pombos — "Taça Principe Real,"
El-Rei, Principe Real e Infante D. Affonso

gava todos os prantos, e promettia aos pobres um grande e luminoso reino de abundancia maior que a Côte de Salomão. A mulher escutava com olhos famintos. E esse doce Rabbi, esperança dos tristes, onde se encontrava?

O mendigo suspirou. Ah! esse doce Rabbi! quantos o desejavam, que se desesperavam! A sua fama andava por sobre toda a Judéa como o sol, que até por qualquer velho muro se estende e se gosa; mas para enxergar-se a claridade do seu rosto, só aquelles ditosos que o seu desejo escolhia. Obed, tão rico, mandara os seus servos para toda a Galiléa, para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Engadim; Septimo, tão soberano, destacára os seus soldados até á costa do mar, para que buscassem Jesus, e o conduzissem por seu mando, a Cesarea. Er-rando, esmolando por tantas estradas, elle

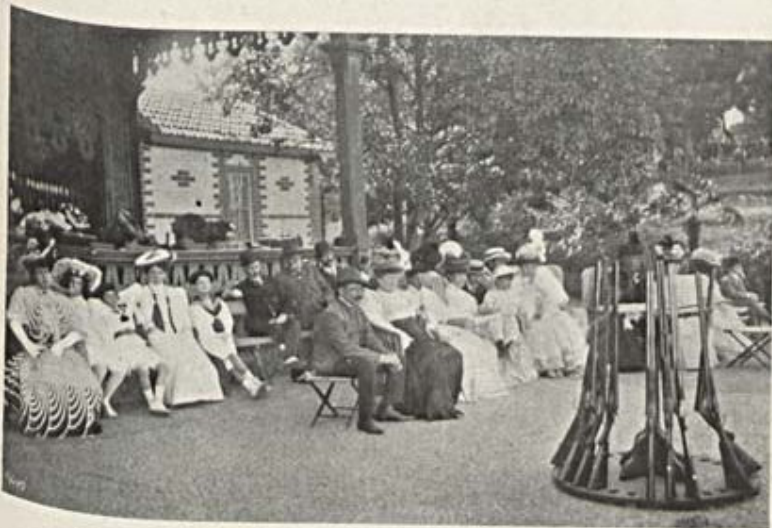
las creaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até ás aves malficas sobrava o sustento!

Um dia, um mendigo entrou no casebre, repartiu o seu farnel com a mãe amargurada, e um momento sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou dessa grande esperança dos tristes, esse Rabbi, que apparecêra na Galiléa, e de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava todas as creancinhas, e enxu-



Visconde de Reguengos (pae)

Mario Duarte



NOTAS DE SPORT — Tiro aos pombos — "Taça Principe Real,"

Madame Thereza d'Ornellas, D. Isabel de Sousa e Holstein Brandão de Mello, D. Marianna da Camara (Ribeira), Maria José Brandão de Mello, Josephina Pacheco Burnay, Antonio Brandão de Mello, Viscondes de Mairós e de Reguengos, Ruy d'Andrade, Eduardo Romero, etc.

topára os servos de Obed, depois os legionarios de Septimo, e todos voltavam, como derrotados, com as sandalias rôtas, sem ter descoberto em que malta ou cidade, em que toca ou palacio, se escondia Jesus.

A tarde cahia. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe retomou o seu canto, mais vergada, mais abandonada.

E então, o filhinho, n'um murmúrio mais debil que o roçar de uma aza, pediu á mãe que lhe trouxesse esse Rabbi que amava as creancinhas ainda as mais pobres, sarava os males ainda os mais antigos. A mãe apertou a cabeça esguedelhada:

— Oh filho! e como queres que te deixe, e me metta aos caminhos á procura do Rabbi da Galiléa? Obed é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesus, por serras e collinas, desde Chorazin até ao paiz de Moab. Septimo

é forte e tem soldados, e debalde correram por Jesus, desde o Hebron até ao mar! Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe, e a nossa dôr mora connosco dentro d'estas paredes, e dentro d'ellas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o Rabbi tão desejado, por quem ricos e fortes sus-



Noli me tangere (De Correggio)

piram, a que descesse a través das cidades até este ermo, para sarar um entevadinho tão pobre, sobre enxerga tão rôta!

A creança, com duas longas lagrimas na face magrinha, murmurou:

— Oh mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu sou ainda tão pequenino, e com um mal tão pesado, que tanto queria sarar!

— Oh meu filho, como te posso deixar? Longas são as estradas da Galiléa e curta a piedade dos homens. Tão rôta, tão tropega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos casaes. Ninguém attenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce Rabbi. Oh filho! Talvez Jesus morresse... Nem mesmo os ricos e fortes o encontram. O ceu o trouxe, e o ceu o levou. E com elle para sempre morreu a esperança dos tristes.

D'entre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãosinhas qua tremiam, a creança murmurou:

— Mãe, eu queria vêr Jesus...

E logo, abrindo de vagar a porta e sorrindo, Jesus disse á creança:

— Aqui estou.

Eça do Queiroz.

Pedras preciosas

O brilhante é a mais formosa de todas as pedras preciosas e preserva de feitiços; o famoso anel de Salomão, *ehamir*, era feito d'um só diamante perfurado. Significa amor, fé, constancia, pureza e é a pedra das donzellas.

O ambar, embora occupe um logar muito secundario no enfeite feminino, é um dos mais preciosos talismans. Suppõe-se que accarreta sorte, e os antigos attribuiam-lhe o dom de acalmar o systema nervoso; pondo um collar d'essa substancia aos recém-nascidos evitam-se-lhes as convulsões.

A saphira symbolisa a bondade, a formosura, a nobreza e a magnificencia.

A esmeralda é a pedra das virgens e a dos magos. As druidas misturavam-n'as com a sua corôa de verbena, afim de terem o dom de prophetisar, e é emblema da abundancia e da esperanca.

O topasio gosa a particularidade de procurar a sabedoria, a riqueza e a saude; preserva da loucura.

A amethista é o emblema da sciencia, da força espiritual, humildade e franqueza; eis porque se emprega no anel dos Bispos. Attribue-se-lhe tambem a propriedade d'obstar a embriaguez. Aviso ás ligas anti-alcoolicas.

A opala tem más propriedades; quem a usa far-se-ha inconstante. Uma variedade d'opala verde e raiada de branco destroe o feitiço.

A calcedonia dá força e vigor.

O coral desfaz os melificios e diz-se que perde a côr quando a pessoa que o leva tem uma doença mortal. O coral branco, significa modestia; o rosa, prudencia; o vermelho, bondade; o negro, pureza.

A agatha, em todas as suas variedades: valor, fé e prosperidade. O rubi transmite tambem força e valor e livra dos accidentes do ferro e do fogo; excellente para os soldados e viajantes.

O jacintho, cercado de prata, livra de todos os males, dando graça, riqueza e cortezia.

A perola causa lagrimas e é indicio de fé e de pureza; a lazulite, simplicidade e alegria; a cornalina, paciencia; a gránada saude.

Não convém fiar nas turquezas, embora sejam recordação e amizade, pois teem qualidades desgraçadas e attribue-se-lhes a propriedade de morrerem, isto é, perder a côr e o brilho quando um perigo ameaça o seu possuidor.

O azeviche é luto ou dôr, pedra das viúvas e das orphãs. O carbunculo, ardor e paixão.

Proverbios hespanhoes

Em barba de tolo todos aprendem a barbear.

Dadivas quebrantam rochas.

Boi bravo em terra alheia se faz mauo.

No dia em que te casas ou te matas ou te curas.

Dois pardaes n'uma espiga nunca fazem liga.

Vão sempre as leis para onde querem os reis.

Solteiro, pavão; noivo, leão; casado, jumento.

O sabiô sabe que não sabe, o nescio pensa que sabe.

Aprendiz de Portugal, ainda não sabe coser já quer cortar.

Gosa tu do teu pouco, em quanto mais busca o louco.

Não te alegres do meu luto; quando elle fôr velho, o teu é novo.



Crucifixo, (de Guido Reni)

MALDITO

Passou n'aquella tarde em frente ao velho portico do pateo senhoril em que o arvoredado cobre amplissimos degraus da escadaria nobre do vetusto palacio em parte a desabar. Da rotunda ao portal fôra encostar-se tremulo o misero romeiro e attento olhava a medo as torres do solar e as renques do arvoredado, a encosta do Jamor, o Tejo, a barra, o mar.

E ficara-se ali horas sem conto, o misero, roto, desfeito, velho! a barba intonsa e alva, magro, spectral, erecto, a fronte nua e calva, da brancura da morte o collo, as mãos e os pés. Sandalias em rasgões! andrajos vis, esqualidos, d'um saio d'estamenha e um alamar trançado, que foi de seda e prata e cae dilacerado sob um montão que fôra um albornoz de Fez.

Depois de muito olhar e de scismar attonito, como quem teme e anceia, aguarda e nada espera, doido, absorto, inquieto atraz d'uma chymera curvou se e ergueu do solo o gasto seu bordão. Tirou-lhe apoz do seio a mão nervosa e tremula a Virgem Mãe de Deus, formosa miniatura, e beijando-lhe os pés em filial ternura disse-lhe: — Emfim, tu vês! não posso haver perdão.

E' noite, ó Mãe de Deus, volvamos ao meu tumulo e pede ao filho teu que, d'essa negra alfurja, só tu possas voltar, mas nunca mais eu surja a expôr-me á luz do sol. Cancei, não posso mais. Tu velarás por mim á luz da humilde lampada que accendo em honra tua, e ao termo do martyrio me tem de alumiar, brandão, funebre cyrio, e tu me acolherás os derradeiros ais!

e dirás a Jesus, tão bom, tão grande e humilimo, que viste dia a dia os transes do maldito, seu crime, o seu amor, seu coração constricto e que piedosa o amaste em premio a tanto horror. Quantos annos de dôr, vias morrendo incognito, pobre, arrastado, humilde, infame, despresado, sosinho. . . Oh! não! perdôa! eu tinha-te a meu lado! Prendi-te! encarcerei-te! . . . és minha ó meu amor!

Um sacrilegio mais! . . . Tu vês o que é ser reprobado! escrava tu, senhora! escrava tu, Rainha! . . . Mas que fôra de mim, se tu não fosses minha, — amparo, força, guia, — a quem mais nada tem? Do meu ermo pragal tu és a rosa mystica; da minha noite, a luz! refugio aos meus pesares; a Providencia és tu dos meus desertos lares, a minha filha és tu e és tu a minha Mãe.

E assim dizendo, o misero em seu bordão firmado descia o atalho ingreme da encosta do Jamor; chegava ao rio murmuro, tacteava a pedra e pedra, milagres do equilibrio! transpunha da agua a flôr.

la lançando lapides no alveo mais extenso, e mais um passo tímido ia arriscando alem;

até que o manso corrego passava a pé pedrinho, brenhava-se nos comoros não o via mais ninguem.

Vinha correndo celere Mafalda — a pastorinha — bateu co'a rocha asperrima ficou-se a meditar . . . — Julguei que o via! e timida buscava e rebuscava todo o espinhal inhospito, a ouvir. . . e a espreitar

— Moiro?! . . . Não. . . Nada! engano-me. E' que o não vi! . . . Paciencia! . . . Como este sitio é lugubre! Pobre, — porque não vens? . . . Procuras, ingrattissimo, por esse mundo em fôra um bom querer mais calido? . . . Enganas-te; — não tens!

Bem julguei-te ver-te. Illudem-me os meus desejos, moiro! grito por ti, convido-te. . . Quem sabe onde ella vae?! Chamas-me linda — e foges-me; — boa — e não me acreditas; — filha — mas no teu animo não entra o ser meu pae.

Thomas Ribeiro.

«O Mensageiro de Foz»

PENSAMENTOS

Mentir e enganar é grande ruindade; ser tonto e illudido, grande desdita. Acreditar tudo é estupidez; nada acreditar seria imprudencia. A desconfiança prudente fará o homem pratico na sociedade.

ALEXANDRE HERCULANO.

O homem que tenha convicções definidas e o sentimento da sua força, tem por obrigação ser ambicioso.

JULES SIMON.

O amor não tem termo medio: ou perde ou salva.

VICTOR HUGO.



Tavira — Typos da serra

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XXX

O «Paraiso de Lisboa» está na ordem do dia. — O que o *chronista* pensou e o que viu. — O que é o «Paraiso de Lisboa». — Salta calor! — Lisboa engrandece-se — A iniciativa particular. — Diferença lamentavel entre o estabelecimento publico e a casa de habitação. — A especulação dos proprietarios e a inercia da municipalidade. — O que nos vae por casa.

Aqui proximo, a trescentos metros da minha casa, tem se trabalhado ultimamente noite e dia no acabamento de um dos maiores melhoramentos da, como agora se diz, «Lisboa civilisada». E' alli em baixo, nos vastos terrenos do jardim Folgosa, em socalco declivoso sobre uma das mais importantes arterias da cidade, a rua da Palma.

Ha tres mezes que eu vinha observando atravez de frinchas, do passeio fronteiro, do alto da minha casa, a mão em pala sobre os olhos, com uma doentia curiosidade de senhora vizinha, como um laborioso formigueiro de operarios pregavam, serravam, pintavam, envernizavam, cavavam, punham, dispunham, n'uma faina que não tinha repouso.

A principio, aquillo tudo, para mim, foi um bicho de sete cabeças. Que seria, meu Deus, que seria?... O meu espirito perdia-se em conjecturas... Ah! talvez um campo entrincheirado! E' por alli que passam os revolucionarios quando vão ao quintal dos Anjos ou aos terrenos da Avenida D. Amelia tropejar anathemas sobre a politica do governo e a desgraçada marcha dos negocios publicos. Devia ser isto, devia. Evidentemente o governo preparava-se para a lucta a todo o transe. Oh, sem duvida! Pois não promettera o sr. Antonio José de Almeida morrer n'uma barricada?..

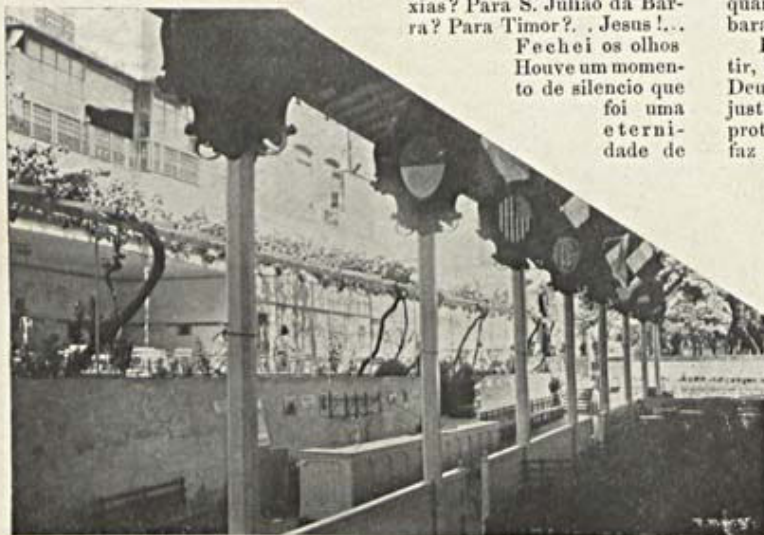
Depois, reparando bem, notei que toda a parede que veda o vastissimo recinto é da espessura de uma verdadeira muralha e, ao alto, toda ella é dentada, havendo entre os seus tremendos queixaes de granito espaço sufficiente para duzentas bocas de fogo. Ah! não restava duvida! A dictadura preparava-se para resistir á acção demolidora do exercito radical, aos aguerridos ataques das hostes monarchicas colligadas contra o absolutismo. Dentro em pouco, do alto d'aquella mole de pedra, a artilharia vomitaria balas destruidoras, n'um pavoroso rugir de fera. Senhor Deus de Misericordia, pois isto ia succeder exactamente quando começavamos a gosar as ineffaveis delicias da lei de cobrança de pequenas dividas e da abolição do imposto de rendimento?

E dia e noite os trabalhos proseguiram no campo de destruição.

Uma manhã, parado em frente do atterrador sitio, esperava eu um americano, quando ouvi uma voz que lá de dentro gritava lentamente: — *Oh i-ça!* Ah! Içavam as pesadas peças de artilharia que iam ser collocadas no alto da muralha, como palitos n'uma rala dentuça! Passou um carro, passaram dois, tres... Eu nem os vi. Estava alli, pregado ao chão, hirto de pavor, os cabellos em pé, um nó na garganta, o olhar desvaído fixo no logar fatal. As fontes latejavam, o meu pobre coração quasi rebentava n'este peito que em breve seria talvez varado... D'este singular estado me veio arrancar alguém, pousando a mão sobre o meu hombro.

Jesus, ter-me-iam tomado por um espião? Iriam prender-me? Mandar-me para Caxias? Para S. Julião da Barra? Para Timor?... Jesus!...

Fechei os olhos. Houve um momento de silencio que foi uma eternidade de



Paraiso de Lisboa — O hangar do cine-theatro

(Clichés de A. C. Lima).

angustias. Mas de novo a mão cahiu sobre o meu hombro e uma voz amiga disse:

— Então como vae o homem? Essa bizzarria cada vez melhor, hein?

Abri os olhos e voltei-me, com um sobresalto. Era Augusto Pina, scenographo e decorador, que ninguem em Portugal desconhece, pelo menos de nome.

— Estavas então a admirar o Paraiso?

— Paraiso?! Pois tu caçoas com estas coisas, Pina?

— Quaes coisas, menino?

— Com isto, com as desgraças que isto vae fazer.

— Desgraças?... O Paraiso?... Mas tu enlouqueceste!

— Pois isto não é uma fortificação?

Pina enfiou o seu no meu braço e levou-me. Entrámos. E tendo subido alguns, poucos, degraus, meus olhos pasmados deram com um singular espectáculo que não lhes posso descrever, de que não lhes posso dar sequer «uma pallida idéa», como dizem os jornaes dos discursos dos seus parciaes pronunciados na camara que Deus haja. Aquelle recinto a que Pina chamava *Paraiso*, era, é, realmente um Paraiso! Trata-se de uma estancia de prazer, chic, elegante, modernissima, rica, semeada de construcções onde Lisboa encontra as mais variadas e agradaveis diversões. Dois theatros: um, grande; outro, pequenito, lindissimo, suspenso sobre um lago em cujas aguas se estrella a luz, jorrando profusamente, n'um esbanjamento de *féerie* theatral, d'entre a verdura, do palco, do proscenio, de toda a parte onde caiba um cacho de vidro. O proprio lago tem fontes luminosas que irradiam as suas ondas sobre o perfil das mulheres galantes que por lá andam pisando o palco e cora-



Paraiso de Lisboa — Portão do norte, plateia do theatro do Lago, etc.

ções ternos. De um grande hemicycleo o espectador vê tudo o que se passa: nos palcos, na carreira de tiro, nos recintos destinados á patinagem, á glissagem. Ha mesas ao ar livre, servidas por um magnifico restaurante, sob jorros de luz. Ha... tudo o que se possa desejar.

O *Paraiso de Lisboa* ali está a attestar a audacia, o bom gosto e o patriotismo de quem, á força de capital e energia, dotou a sua terra com um melhoramento que, sem favor, se pode classificar de primeira ordem. Lisboa tem, enfim, um recinto chic, onde, á vontade, ao ar livre, pode chupar por uma palhinha a sua carapinhada, ouvindo boa musica, vendo lindas mulheres, cantoras e bailarinas, projecções, tudo quanto no genero se possa phantasiar, e por um preço inverosimil de barateza.

Falta só o calor, o calor de *verdad*, que teima em não se fazer sentir, com pasmo de toda a gente. A estas horas, se o governo o quiz e Deus assim o permittiu, foi supprimido. E, valha a verdade, a medida justifica-se. Que necessidade temos nós de calor natural, sob a acção protectora de um governo que para pregar o seu *calor* nos governados faz tanto caso da *Folhinha* como da Carta Constitucional?

Lisboa engrandece-se, embelleza-se, progride, não ha duvida. E, o que é mais consolador ainda, tudo isto é devido exclusivamente á iniciativa particular. O commercio, em especial, tem contribuido muitissimo para a transformação, a principio lenta mas agora accelerada por uma febre de bom gosto e nobre emulação, que se vae operando na capital. E' vêr a transformação por que passaram alguns estabelecimentos: os populares armazens Grandella, a retrozaria que torneja o Chiado para a rua do Almada, a casa Ramiro Leão, a instalação do Banco Lisboa & Açores, a nova séde do jornal *O Mundo*, a Casa Africana.

O capital não se retrae, accumulando-se estúpida e egoistamente. E bem haja quem emprega uma parte do que honradamente ganha em seu labor no engrandecimento da sua propriedade, que o mesmo é contribuir para o engrandecimento da cidade.

Pena é que a construcção meramente particular, a casa

de habitação, não corresponda ás edificações de que me venho occupando. Triste é dizel-o, mas em poucas cidades do mundo se manifestará tão mau gosto n'este genero de edificações como em Lisboa. Nas novas avenidas e ruas dos bairros recentemente abertos, vêem-se casarões monstruosos, estupendos, horriveis de aspecto e horriveis sob o ponto de vista hygienico. E' certo que a municipalidade de Lisboa impõe condições de planta que são rigorosamente observadas, relativas á cubagem das casas, á sua ventilação, ao isolamento de pias e fossas. Mas ainda teria muito que fazer se quizesse. Por exemplo: exercer uma rigorosa fiscalisação nos materiaes empregados nas construcções e obrigar os proprietarios a garantirem a salubridade dos predios.

Eu moro ha dois mezes n'uma casa construida ha cinco. Pois bem. Todas as portas abrem fendas, deixando entrar o ar e a luz, a ponto de não me ter sido possivel dormir uma madrugada tranquillamente, porque a luz me acorda e o ar me constipa. Uma parede, precisamente no gabinete onde estou escrevendo, esborea-se de humidade. E eu tenho de aguentar com tudo isto, porque a camara que devia saber, ella e só ella, que a construcção se fez em terreno alagadiço, não obrigou o proprietario a esphaltar as paredes ou mais simplesmente os caboucos; porque a camara não impõe a esse proprietario o emprego de madeiras de que não se tivesse feito a extracção de resinas.

No entanto, vale-me esta consolação; moro n'um bairro novo, dos taes muito salubres e hygienicos. E' verdade que se insistir em habitar esta casa morro em pouco tempo coberto de bolor; mas, que demonio! viver n'um bairro salubre e hygienico e ainda por cima querer hygiene e salubridade, não será exigir muito?

Reclamar, a quem? A' Camara? Não tem ella mais que fazer senão attender-me! Ao senhorio? Ora, ora... Se eu fosse dizer ao senhorio que morria por causa das pessimas condições do seu predio, elle responderia-me:

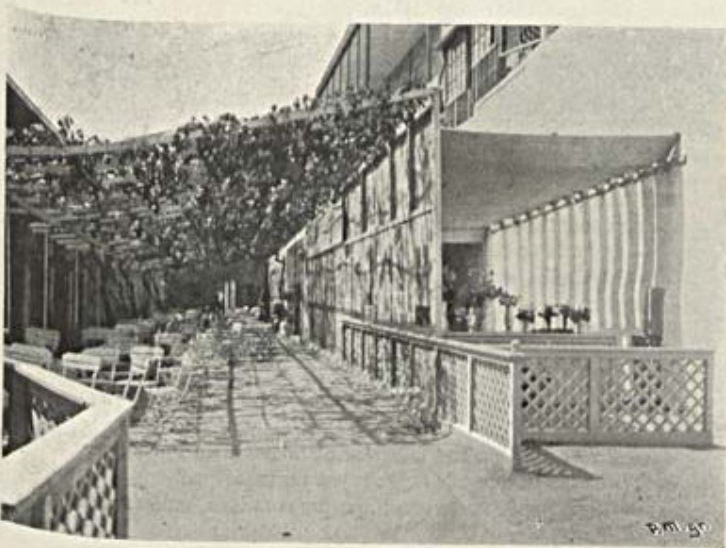
— Esteja tranquillo, vá descaçado... Não faltarei ao seu enterro.

Isto diria elle — mas faltava.

CAMARA LIMA.

Historia da lagrima

Não a ha mais vasta, mais varia, nem mais sublime. Desde que a lagrima do primeiro homem cahiu sobre o solo virgem do Eden, até que a derradeira gotta de pranto, trasbordando dos labios mudos do coração, foi recolhida pelo genio da dôr no calix de todos os soffrimentos, que immensa historia, que eloquente epopeia não encerra a lagrima! Cada uma d'ellas é a synthese e o transumpto d'uma série indefinida de sentimentos; cada uma d'ellas tem o seu genesis lugubre, ou festivo, silencioso, ou tumultuario; chronica tão multiplice e diversa como a causa que a produziu, que em si resume as volu-



Paraizo de Lisboa — Esplanada e carreira de tiro

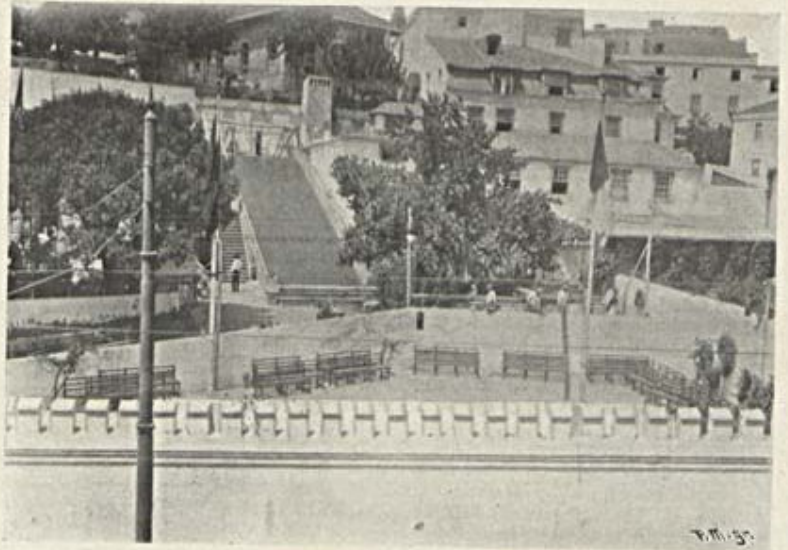
(Cliché de A. C. Lima).

ptuosidades inebriantes do paraizo, e os excruciantes dilaceramentos do abysmo!

A primeira lagrima, que deriva dos olhos do homem, é a da innocencia. São perolas da aurora, tépido orvalho do crepusculo da vida, sorrisos que choram, ou prantos que riem; formam-se sem grossas nuvens, correm sem dôr, estacam sem custo. Desperdiça-as

o coração demasiado esponjoso da infancia, porque lhes não sabe ainda o valor.

São tão puras e diaphanas como a baga de rócio que aljofra a corolla do lyrio solitario. Chora o lyrio a ausencia do astro matutino, e ella, a creança, a florsinha humana, chora saudades do seio



Paraizo de Lisboa — Glissagem e patinagem

de Deus, que se vê obrigada a trocar pelos martyrios d'este mundo, onde já se lhe feriram os pés logo ao dar os primeiros passos.

A segunda lagrima é a do amor. Uma vez ardente como uma entranhada paixão, outras amarga como o apartamento, outras envenenada como o ciúme, por vezes fria como a desillusão; quem poderá colligir todas as fórmas da sua linguagem complexa, todos os matizes d'esse iris mysterioso?

A lagrima do amor tem todos os sabores, desde o suavissimo gosto de uma pura gotta d'ambrosia, que lhe dá a posse e o goso do objecto estremeado, até ao travo repulsivo do absintho, que lhe comunica a dôr vehemente, a esquivança inesperada e aquelle inferno da ausencia! Golfa ás vezes dos olhos, como sangue abundante de golpe profundo, e a lagrima é sangue que brota do improbo amor; requeima e consome, qual lava de vulcão, e a lagrima é lava encandescente, arremessada lá de dentro pela explosão do ciúme. O' lagrima do amor!... que condensas em ti metade da historia da humanidade, que contens na tua exigua esphera um mundo inteiro!...

Ha em ti um genio irrecusavel, quando te não vaes perder e sumir no tremedal das paixões ignobeis; quando te elevas até ao ideal, e deslizas serena sobre o rosto illuminado do Dante, contemplando em visão sublime a imagem pura da sua Beatriz; mas quantas vezes não és vã e louca, ó lagrima abraçada do amor!

A terceira é a do jubilo. Tambem de prazer se chora, tambem o pranto sorri.

A expressão da mais dilacerante magua identifica-se no homem com a expressão da mais expansiva e deliciosa alegria; os affectos extremos tocam-se nas suas manifestações.

Ha momentos em que o jubilo se remonta até ao extasis, e em que toda a vitalidade da alma se suspende, e logo depois se esvae n'uma lagrima de ventura; por isso o prazermata como o soffrimento. Mas esses momentos são raros e ephemeros. Só de tarde em tarde os cherubins sacodem sobre nós suas lucidas azas, sempre mergulhadas na essencia do supremo Bem.

São lagrimas que não brotam de nascente, como brotam as que os nossos males distillam... seccam de prompto, qual nuvem ligeira que passa, e que por accidente deixou escapar tenue orvalho sobre um solo arido e caliginoso.

Ha ainda uma quarta lagrima, que ora dimana esquiua e resignada sobre a maxilla descórada, ora se despenha caudal, férvida, impetuosa, sobre a face entumecida; é a da saudade!... Como definir e historiar todo o teu mysterio de amor, a tua muda e pathethica expressão, e essa antithese de affectos, que em ti se fundem e se harmonisam, ó pranto melancholico da saudade?... E's mais sublime que todos os primores plasticos de Raphael, de Ticiano, ou de Vandick; tens a suave e divina tristeza das Virgens da antiga Escocia; és mais bello que um canto inspirado de Ossian, repetido pelos eoccos da gruta harmoniosa de Fingal. — Mas porque travas tão acremente, ao inundares-me os labios? Responde. "A ausencia é irmã da morte; o seu travo não pode deixar de ser se melhante."

E porque te acho eu n'esse amargor intoleravel um gosto amnissimo, que me transporta? "E' porque a saudade arremeda a presença, é o correctivo da distancia encontrado pela affeição vehemente, o balsamo consolador, que sahe, para cural-a, da mesma

ferida que verte o pus da soledade. Algumas linhas negras. Historiemos a largos traços a lagrima funerea, a lagrima desoladora e impiedosa, a lagrima da morte! Parece ter sido creada sobretudo para symbolisar e carpir o passamento.

E' a nota plangente da harpa dos affectos, é a nénia da natureza, eloquente em seu tocante laconismo.

Encerra ás vezes uma virtude corrosiva, que devora a existencia: não rescalda, gela, petrifica!

Semelha a gotta crystallina e fria que ressumbra dos intersticios do penhasco, debruçado sobre o mar, ou que deriva do alto da crypta subterranea, para solidificar-se em estalactite.

Que é o homem, n'essas horas de indefinivel espasmo, senão um rochedo inerte? e a lagrima senão a estalactite petrificada pelo frio gelido da morte, que irrompe dos olhos sobre o cadaver ainda morno do ente idolatrado, ou sobre a leira recalçada da sua sepultura? — Assim estava de pé aos pés da cruz, hirta, terrificada, immovel, qual estatua de granito, a divina Mãe do Redemptor com o olhar enublado, fixo no corpo inanimado do Filho, deixando cahir a flux pelo rosto a lagrima mais triste, mais justa, e mais santa que jámais distillou uma cruel dôr; a que pranteou a morte de um Homem Deus. — Negro é o oceano n'essas alturas que não é dado á sonda medir, negro é o céu na hora terrivel e sinistra da tempestade, negro o abysmo por onde nunca até hoje penetrou um raio de luz, mas... ainda mais negra é a lagrima do pensamento!... Quem nunca lhe provára o travo!

Se pretenderamos narrar a historia completa da lagrima, descreveriamos ainda a da vingança, a do despeito, a da colera, a da piedade, a do enternecimento, a da gratidão. De intenção o omittimos, porque já longas vão estas linhas que temos deitado ao papel, sob o influxo de uma elevada estima.

A ultima lagrima é a do arrependimento, quasi sempre serodia porém de subido preço: a mais grave, e a mais peregrina entre as suas irmãs.

O chão memoravel da Jndêa não bebeu de todo o pranto sentidissimo de David, de Ezequias, de S. Pedro, e da Magdalena, que n'elle souberam diluir passadas maculas.

A historia eternizou-o em seus annaes, a esthetica ainda hoje o eternisa sobre a tela e sobre o marmore.

As lagrimas da celebre peccadora do Evangelho, acrisoladas por uma intima contricção, e ungidadas pelo amor nascente e sobre-humano, essas lagrimas que lhe foram o baptismo de redempção, e iman das complacencias de Jesus, teem sido saudadas com religioso culto pelas gerações de desenove seculos, e serão eternamente o emblema, a consagração da humana fragilidade, purificando-se aos pé da cruz, nas mysticas aguas de um arrependimento christão. D'entre todas essas gottas d'alma, que hemos descripto, duas ha que os anjos da humanidade recolhem em suas phialas de ouro, porque valem mais que o universo ante Aquelle para quem nada valem



Paraiso de Lisboa — O theatro do Lajo

(Clichés de A. C. Lima).

os nossos magnificos... nadas; são as da innocencia e as do arrependimento.

Ao passo que todas as lagrimas tendem pelo seu proprio peso para a terra, que é seu o centro, tendem estas para o seu centro superior, que é Deus.

Parece que cahem e se embebem no solo; e vão ao contrario perder-se no seio do infinito, onde vive com em seu fóco, tudo quanto contém em si um ideal eterno de verdade — Oh! quanto não

vales, quanto não pesas, quanto não dizes, quanto não podes, pródigoa lagrima do arrependimento!... O que vales? o supremo perdão que rehabilita.

O que pesas? o céu que prendes a ti.

O que dizes? fallas mais alto, és um hymno que eccoa mais deliciosamente nas regiões do invisivel que o arrojado lyrismo do Poeta-Rei, passando atravez das cordas da sua harpa immortal. O que podes? ah! e que poder não é o teu, se convertes em ouro puro as fezes de um coração triturado pelas garras do romorso; se dás a transparencia do crystal, o alvor immaculado da neve, e a pureza cerulea do firmamento a uma consciencia denegrada pelo crime?...

P. Senna Freitas.



Paraiso de Lisboa — Cine-theatro

ESPERANÇAS MORTAS

No dia em que soltando essa dourada trança
Me prendeste de amor, passava á tua porta
N'um caixãozinho branco um corpo de creança...
Nascia na minha alma um raio d'esperança,
E ao longe ia enterrar-se uma esperança morta!

João Saraiva.



Estando o conde de Sortelha por embaixador em Castella, perguntou-lhe um dia Carlos V, gracejando com a pequena extensão do territorio portuguez, e querendo dar-lhe a entender que a dois passos se encontrava sempre a Hespanha:

— Quando se levanta uma lebre em Portugal, aonde a vão matar?
— Na India, senhor, lhe replicou o representante da nobre corôa portugueza.

ANEDOTAS

— Sabes, Lulu? Tua mãe vae mandar vir de Paris outro menino que preferes tu que elle seja: rapaz ou rapariga?
— Olha, papá, se te não importas com isso, então manda vir um cavallinho!

Uma actriz, mais pretenciosa do que rica em qualidades e talento, rejeita a proposta para uma escriptura de cento e vinte mil réis mensaes.

— Esse dinheiro — diz ella petulantemente ao empregario — não me chega para pagar á lavadeira.

— Peço desculpa — diz este, fingindo-se embaraçado — mas nunca me passou pela ideia que a senhora tivesse tanta roupa suja.